

reportagem cultural



TÂNIA MEINERZ/JC

Publicitária de formação e fã de animes, Cris Peter acabou se encontrando na indústria de HQs

Profissão: colorista

Daniel Sanes, especial para o JC *

Como alguém decide ser colorista?

No livro *O uso das cores*, Cris Peter diz que essa é uma longa história – uma mistura de “muita sorte com algum azar, mas aquele tipo de azar que só dá lições boas”. Já que o espaço aqui é limitado, vamos tentar resumir.

Tímida, Cris fez da televisão uma grande amiga na adolescência. Foi graças a ela que conheceu as séries japonesas *tokusatsu* (*Changeman*, *Jaspion*, *Jiban* etc.) e animações como *Sailor Moon* e *Os Cavaleiros do Zodíaco*. Foi esta última que despertou nela a

vontade de aprender a desenhar. “Copiava desenhos de revistas especializadas, como a *Herói*, utilizando papel vegetal. Depois, comecei a fazer meus próprios rabiscos”, conta.

Quando tinha 15 anos, já gostava de criar histórias, a ponto de preencher cadernos inteiros com elas. Foi então que sua mãe Rosalina (já falecida) a inscreveu em um curso de histórias em quadrinhos no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs). “Minha paixão era animação, mas não havia cursos especializados naquela época”, explica. Mal sabia ela que aquele seria o primeiro passo para a carreira de colorista.

Em seu livro, ela fala de quando o pai (Ernesto, aposentado) comprou o primeiro *scanner* da família. “Era um trambolho. Eu digitalizei um desenho que fiz do Trunks, personagem do *Dragon Ball GT*, e colori – pasme – no Paintbrush!”, recorda. Depois, na base da tentativa e erro, migrou para o Photoshop.

Ao mesmo tempo em que aprendia a explorar a tecnologia para colorir seus desenhos, Cris conheceu uma turma que tinha mais afinidade com o mundo dos quadrinhos. “O sonho deles era seguir a trilha de nomes como Roger Cruz e Marcelo Campos, brasileiros que trabalhavam em títulos de super-heróis para o

mercado internacional. Não era algo que eu acompanhava, mas, por influência desse pessoal, acabei conhecendo mais”, admite.

Os amigos passaram a fazer trabalhos de ilustração e *web-comics* sob encomenda, e volta e meia ficavam sem tempo para colorir todas as páginas. Cris, que andava meio desanimada com os próprios desenhos, topou ajudar. “Eles começaram a ganhar dinheiro com isso, e uma coisa foi levando a outra”, diz a artista.

Quando ingressou na faculdade de Publicidade e Propaganda da Pucrs, em 2004, a demanda já era alta. “Naquele momento eu pensei: ‘se estou

ganhando o mesmo que o piso de um publicitário, por que não continuo fazendo isso?’ Foi aí que vesti a camisa de colorista de histórias em quadrinhos”, ri.

Seu primeiro grande cliente foi uma editora egípcia. A convite dela, Cris e outros amigos acabaram indo para a San Diego Comic-Con, nos Estados Unidos, em 2005. Na convenção, finalmente chegou à conclusão de que aquela era uma carreira possível. Mergulhou nas pesquisas sobre colorização e, pouco a pouco, foi ganhando prestígio no mercado norte-americano de HQs – o maior do mundo.

Conhecimento na prática - e na teoria

A San Diego Comic-Con foi um marco na carreira de Cris Peter. Na convenção, ela falou pela primeira vez com um colorista profissional – Bill Crabtree, da aclamada série *Invencible*. Também foi lá que descobriu o manual *The DC Comics Guide to Coloring and Lettering Comics*, de Mark Chiarello e Todd Klein, que depois chamaria de sua “bíblia da colorização”.

Mais do que apresentá-la a conceitos sobre técnicas e mati-

zes, a obra fez com que Cris entrasse de cabeça no universo das cores. Esse conhecimento, somado à percepção de que a bibliografia em português sobre o tema era restrita, a levou a escrever *O uso das cores*, um guia em que aborda aspectos práticos e teóricos sobre colorização com uma linguagem acessível. Lançado em 2014 pela Marsupial Editora, o livro se tornou referência para quem trabalha com artes visuais e está com a tiragem esgotada.

Embora entenda a importância que teve para muitos quadrinistas, Cris considera que suas contribuições são baseadas basicamente no que aprendeu trabalhando. “Meu desejo é me aprofundar ainda mais, publicar artigos e pesquisas que embasem o que já vi na prática. Por isso, além de focar na escrita, quero ir para o lado acadêmico da coisa: estudar sobre as cores e comprovar algumas teorias”, explica a artista, que tam-

bém já ministrou cursos sobre o assunto.

Para quem espera uma nova reimpressão de *O uso das cores*, ela avisa: não vai rolar. A ideia é produzir um novo manual. “Quando fiz esse livro, eu era jovem e, por isso, creio que fui muito categórica em algumas opiniões. Hoje, sou bem mais flexível e tenho mais conhecimento. Então, acho que está na hora de escrever um *O novo uso das cores*.”



Livro *O uso das cores* se tornou referência para artistas visuais